

Sentido da poesia em Conceição Evaristo e Carlos Drummond de Andrade

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa¹

Este trabalho é parte dos resultados de nossa prática de leitura coletiva da obra de Conceição Evaristo, *Poemas da recordação e outros movimentos*. Nos últimos quatro anos, nosso grupo de pesquisa tem se lançado a leituras que estão transformando profundamente nossa visão crítica. Ao lado do estudo detido da obra de Conceição Evaristo, também estudamos Guerreiro Ramos, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro.

Nosso grupo, interracial, é formado por uma maioria de mulheres negras. Por um lado, como pesquisadora-orientadora do grupo de pesquisa, mulher branca, tenho reconstruído minha visão crítica e fundamentação teórica de um modo bem importante, modificando a seleção de obras literárias e a bibliografia de meus cursos e pesquisas, tendo a oportunidade de participar de debates sobre o racismo, que refletem o adensamento do debate étnico-racial na universidade.

E é como parte desse movimento que, no grupo de pesquisa, temos estudado detidamente a obra da escritora, ficcionista, ensaísta e professora Conceição Evaristo (1946). Escritora versátil, escreve em todos os gêneros de escrita, inclusive a acadêmica. A sua carreira acadêmica começa com a graduação em Letras com ênfase em Literatura pela UFRJ, depois mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto. Participante ativa do movimento negro, sua primeira publicação foi em 1990 na série *Cadernos Negros* do grupo Quilombhoje. Em 2015, *Olhos d'água* foi vencedor do Jabuti na categoria Contos e Crônicas. Foi condecorada, em 2017, com o Prêmio do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Foi homenageada com a Ocupação

¹ Professora e pesquisadora de Literatura Brasileira na Universidade de Brasília. É líder do grupo de pesquisa Literatura e Corpo, do Programa de Pós-graduação em Literatura da UnB. E-mail: adriana.alexandrino@unb.br

Conceição Evaristo pelo Itaú Cultural, em 2017. Em 2017, teve três livros aprovados no PNLD Nacional. Foi a escritora homenageada da Olimpíada de Língua Portuguesa pelo Itaú Social e pelo Prêmio Jabuti como personalidade literária. Ganhou o Prêmio Mestra das Periferias pelo Instituto Maria e João Aleixo e o Prêmio de conquista da vida de Nicolás Guillén para literatura filosófica pela Caribbean Philosophical Association, em 2018. Em 2022, tomou posse da Cátedra Olavo Setúbal de Arte, Cultura e Ciência, na USP. Recentemente seus livros foram traduzidos para o francês, espanhol, inglês, árabe e eslovaco. Em levantamento feito pelo Painel de Letras, da Folha de São Paulo, esse ano a escritora alcançou a marca de 500 mil livros vendidos pela Editora Pallas. Os livros vendidos desta editora foram *Olhos d'água* (2016), *Becos da Memória* (2017), *Ponciá Vicêncio* (2017), e o recém-lançado *Canção para ninar menino grande* (2023). Conceição Evaristo é mineira de Belo Horizonte e mãe de Ainá, a sua especial menina, como sempre diz.

Neste ensaio trazemos a parte de nossos estudos em que queremos dialogar com o conceito de luz negra, da filósofa, artista, escritora e professora multidisciplinar de relevante influência atual Denise Ferreira da Silva, e assim pensar o modo como o diálogo entre a obra de Conceição Evaristo e a de Carlos Drummond de Andrade resulta da projeção da luz negra que os poemas de Conceição Evaristo *Pedra, pau, espinho e grade*; *A empregada* e o poeta e *Medo do escuro* lançam sobre os poemas *No meio do caminho* e *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade. Ou seja, nos interessa aqui pensar o modo que Conceição Evaristo leu Carlos Drummond e como essa leitura faz brilhar aquilo que a luz negra toca e modifica:

Uma vez liberada pela luz negra, a matéria torna-se disponível para algo que pode ser denominado recodificação – o que, no caso de células significa, via de regra, uma reprodução letal e desgovernada ou, para práticas compositivas que, como em uma leitura de tarot, por exemplo, não mantêm o material que combinam subjugado à forma (figura ou formato) mediante a qual o apreendem. Em outras palavras, a matéria torna-se disponível a interpretações *poéticas*, ao tipo de re/de/composição que não mobiliza os pilares onto-epistemológicos do pensamento moderno... (SILVA, 2019, p. 47-48)

Queremos ressaltar o refinamento da elaboração poética que aparece em *itálico* logo abaixo do título do poema que orchestra os movimentos de atos responsivos desde o título (que menciona diretamente o título do poema de Drummond), passando pela

dedicação ao poeta e o subsequente posicionamento que assume diante quando diz: *Ao Drummond, com licença, pois sei das pedras e também da águas das Gerais*. (EVARISTO, 2017). Apenas para lembrar copiamos abaixo o poema No meio do caminho, de Drummond:

No meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na via das minhas retinas já tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra. (ANDRADE, 1979, p. 80)

Também nós pedimos licença a Conceição Evaristo nesse movimento de captar a dinâmica da relação que ela elaborou sobre a obra de Carlos Drummond Andrade e os desdobramentos nesse caminho cheio de pedras. No poema Pedra, pau, espinho e grade, temos uma outra atitude em relação à experiência de se deparar com uma pedra no meio do caminho:

Pedra, pau, espinho e grade
"No meio do caminho tinha uma pedra",
mas a ousada esperança
de quem marcha cordilheiras
triturando todas as pedras
da primeira a derradeira
de quem banha a vida toda

no unguento da coragem
e da luta cotidiana
faz do sumo beberagem
topa a pedra-pesadelo
é ali que faz parada
para o salto e não o recuo
não estanca os seus sonhos
lá no fundo da memória,
pedra, pau, espinho e grade
são da vida desafio.
E se cai, nunca se perdem
os seus sonhos esparramados
adubam a vida, multiplicam
são motivos de viagem. (EVARISTO, 2017, p. 60)

Nesse poema primeiro notamos que o primeiro verso do poema de Conceição Evaristo traz o título do poema de Drummond entre aspas, o que não deixa dúvidas sobre o diálogo que ela abre com esse poema. No poema de Drummond, as retinas do poeta estão fatigadas enquanto no poema de Conceição Evaristo - todos os versos do poema dizem de incansáveis lutas cotidianas: "de quem marcha cordilheiras", "de quem tritura todas as pedras", "de quem banha a vida toda no unguento da coragem" - enfim todos os versos referem lutas e não esquecer as grades do título - identificamos aí uma referência ao encarceramento em massa do povo negro:

Segundo Juliana Borges (2019) no livro *Encarceramento em massa*:

O Brasil tem uma população prisional que não para de crescer. Atualmente, segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (InfoPen), temos a terceira maior população prisional do mundo, ficando atrás de Estados Unidos e China, tendo deixado a Rússia em quarto lugar, em 2016 ... 64% da população prisional é negra, enquanto que esse grupo compõe 53% da população brasileira. Em outras palavras, dois em cada três presos no Brasil são negros. (BORGES, 2019, p. 18-19)

No poema de Conceição, temos, como já repetido antes, o ponto de vista "de quem marcha cordilheiras", "de quem tritura todas as pedras", "de quem banha a vida toda no unguento da coragem". Essa diferença entre as duas visões de mundo diante de pedras no meio do caminho não se reduz a duas experiências individuais. Exatamente da forma que Conceição elaborou o diálogo com a referência - nos colocando no confronto entre as duas sensibilidades diante da situação de vida da pedra no meio do caminho. E ela faz isso como um projeto poético. Um projeto ético.

Poemas da recordação e outros movimentos é composto por 65 poemas divididos no que chamamos em sequências, sendo, então, seis sequências de poemas, cada uma delas antecedida por uma página com parágrafo centralizado em prosa e caracteres em itálico. A aparência desse parágrafo é visivelmente prosaica embora tenha um conteúdo flagrantemente poético. A voz que fala nesses parágrafos quase sempre nos remete a uma subjetividade que medita sobre sua própria história, voz poética que dá sentido a suas memórias ativando aquilo que lembra como elementos para a construção de um ambiente poético. Um ambiente poético que, no conjunto da sequência de poemas que contém, compartilha um certo clima comum, não óbvio e estanque, mas um tecido de correspondências finíssimas.

Os poemas que tratam de Carlos Drummond de Andrade aparecem ao longo de todo o volume - na nossa leitura identificamos novo poemas, mas não trataremos neste artigo de todos. Apenas a título de curiosidade são os poemas intitulados: Amigas, Meu Rosário, Pedra pau espinho e grade, Stop, Pigmeia, Edmea e Macabéa, No meio do caminho: deslizantes águas, A empregada e o poeta, Medo do escuro e Apesar das acontecimentos do banzo. Pensando sobre a menção a Drummond que pode ser captada no parágrafo de abertura da obra pela correspondência poética que cria com o poema Poesia, de *Alguma Poesia*, primeiro livro do autor.

Retomando o poema Inquisição, que tem dedicatória em que lemos "*Ao poeta que nos nega*", identificamos o confronto com uma instituição literária, que exclui a autoria negra, que a submete a um julgamento, "o negrume do meu corpo-letra". Diante desse tribunal, a sujeita poética faz dois movimentos: primeiro, assunto não mais/ o

assunto/dessas vagas e dissentidas/falas (EVARISTO, 2017, p. 105) - afirmando sua posição de não mais considerar essa fala que identifica como vazia. O outro movimento é o de afirmar sua própria produção poética - escrevivência - a partir de sua ancestralidade, "o secular senso de invisíveis/e negros queloides, selo originário,/de um perdido/e sempre reinventado clã", (EVARISTO, 21, p. 106) e de seu pertencimento étnico ("útero primeiro"). Notar que no poema A empregada e o poeta, no verso "Entretanto suspeição alguma/ouviu e leu a história da empregada" temos que perceber que a inquisição não conhece a história de quem suspeita.

No poema A empregada e o poeta, a sujeta poética afirma, "Ela jamais assassina o poeta", vemos que a natureza do revide não busca eliminar (assassinar) o outro, mas de se afirmar diante da negação do outro, desinventando de si as dores inventadas por esse outro - as projeções que os delírios racistas produzem, "Raimunda entre vassouras, rodos,/panelas e pó desinventava de si/as dores inventadas pelo poeta" (EVARISTO, 2017, p. 104).

O confronto entre os poemas A empregada e o poeta e O poema de sete faces emergem pelas astúcias compositivas elaboradas no poema de Conceição Evaristo. Ela retoma o nome - com a significativa mudança de gênero - e localiza no tecido social desse capitalismo racista onde estão Raimundas e Raimundos, nos levando a nos perguntar o que significou para Drummond Raimundo não ser uma solução. Seria uma rima no poema (Raimundo, mundo), mas não seria uma solução. Ou seja, será que no poema seria uma solução, mas na vida, não?

O que parece nítido é que Raimundo tem um marcador negativo para Drummond, o que expõe do lance poético que faz um uso do nome Raimundo enquanto negatividade e o uso no tanto que coube na construção do verso. No poema de Conceição Evaristo "as dores apimentadas nos olhos do mundo" nos lembram o ditado popular "pimenta nos olhos dos outros é refresco". Não ser Raimundo, não ter solução, mas sim ser Carlos, que tem o coração maior que o mundo. Mas um coração que não percebe a dor dos Raimundos. As dores de Raimunda estão sim aí nos olhos do mundo, mas ninguém ouve ou lê suas histórias, mas dela com certeza suspeitam, "E empregada envenenaria o poeta,/um mofo podre avolumaria/de cada letra morta./E a biblioteca manuseada/pela mente assassina/esperaria uma nova edição,/de um debochado cordel/que cantaria a

história do poeta/e do bife envenenado,/trazendo o verso final:/o peixe morre é pela boca./Todos suspeitariam/condolências antecipadas/surgiriam em prosa e verso,/Entretanto suspeição alguma/ouviu e leu a história da empregada./Ela jamais assassinaria o poeta" (2017, p. 103-104). Suspeitam que envenenaria o poeta, mas no debochado cordel que a biblioteca esperaria sobre a história do poeta e do bife envenenado o verso final seria o peixe morre pela boca. Então não seria a empregada que envenenaria o poeta, coisa que ela nunca faria, foi o poeta que morreu envenenado por suas próprias palavras. Estamos trabalhando nessa elaboração no nível do imaginário que os dois poemas se comunicam na relação que o poema de Conceição construiu.

Por outra perspectiva, recuperando o nome Raimunda, o poema expõe o lugar de sujeição da empregada ao não ter acesso a livros, a estar constantemente sob suspeita, sob vigilância. Quando no verso de Conceição aparece "No entanto sabia, mesmo antes do poeta,/que rima era só rima", daí pensamos que Raimunda já tinha conhecimento sobre rima independentemente da leitura às escondidas que fazia da biblioteca do poeta.

Retomando a suspeição que não conhece a história de quem suspeita até por isso nutre um medo de quem suspeita - passamos para um comentário do poema Medo do escuro que, mais uma vez, faz retornar o poema de Drummond, No meio do caminho. Nesse poema, por uma astúcia de elaboração ficcional somos levadas a imaginar num primeiro momento um iminente ataque sexual. Essa situação de perigo que não confirmada mimetiza a neurose branca do medo do homem negro. Ao final percebemos que se trata apenas de um simples esbarro (encontrão) de um homem cego que havia perdido sua bengala e se distanciado de seu grupo de amigos. Ele então estava pedindo ajuda para atravessar a rua, "trêmula de pavor, gritos em desejos/sufocam-lhe a glote./SOCORRO, grita calada./O vulto escuro no escuro/se aproxima. Arma em riste. Abruptamente cola/o seu corpo ao da mocinha/ A arma em riste continua/ Um pedaço de pau, em desconexos giros,/ movimenta no espaço./ No meio do corpo da mocinha/ um vulto escuro,/como se buscasse aconchego,/pede desculpas pelo encontrão" (EVARISTO, 2017, p. 114-115)

No meio do caminho um do outro, no meio do medo um do outro. Mocinha é uma ótima escolha lexical para a criação da cena e para a caracterização de uma fragilidade

que cria o outro perigoso a quem ela culpabiliza, julga e condena. A mocinha fantasia o ataque sexual - até de modo contraditório, "trêmula de pavor, gritos em desejos". Tem pavor e tem desejo. Por outro lado, temos o medo do cego, desamparado sem seus amigos e sem sua bengala. O medo do escuro de um - um sujeito cego - o medo do escuro da menina, a neurose da brancura. Um encontrão de medos. São dois sujeitos distintos no caminho. E são, nesse caminho, pedras no caminho um do outro. A diferença é que o medo do escuro da mocinha é fruto da neurose do racismo, que se instaura em um mito sexual que coloca o homem negro como um devorador da carne branca, repudiado pelo psiquiatra Frantz Fanon:

É preciso que este mito sexual – a procura da carne branca – veiculado por consciências alienadas, não venha mais atrapalhar uma compreensão ativa. De modo algum minha cor deve ser percebida como uma tara. A partir do momento em que o preto aceita a clivagem imposta pelo europeu, não tem mais sossego, e, “desde então, não é compreensível que tente elevar-se até o branco? Elevar-se na gama de cores às quais o branco confere uma espécie de hierarquia?” Veremos que uma outra solução é possível. Ela implica uma reestruturação do mundo. (FANON, 2008, p. 82)

Nossa leitura dos poemas Pedra, pau, espinho e grade, A empregada e o poeta e Medo do escuro temos visto o modo com que Conceição Evaristo projeta a luz negra sobre alguns poemas de Carlos Drummond. Pensamos que o confronto que ela nos provoca a estabelecer coloca frente a frente esses dois sujeitos em tudo distintos, postos nessa linha hierárquica, referida por Fanon, que estabelece o estado de coisas na sociedade: diferença de acesso à educação e condições de trabalho e de estudo. Essa distinção desmascara a violência do racismo como mecanismo que perpetua essa desigualdade social.

Esse confronto está no âmbito de um projeto estético que elabora um contradiscurso antirracista para a literatura colonial brasileira. Para finalizar, lembro a professora Florentina Souza no texto Escritas de mulheres negras: exercícios de escrivência e de re(exis)(sis)tência, em que ela articula e explica o seguinte:

Ao desafiar as falas que desautorizam seu discurso, a sujeita poética ergue o corpo e a voz para propor outras interpretações das histórias variadas de que participou, como já ressaltai; textualidade desvela-se como um campo de múltiplas falas e linguagens, de múltiplos sentimentos, de diversas interpretações de si, do grupo, do Brasil, Não aceitam obediência aos modelos temáticos ou expressivos que tentam controlar a voz da mulher negra: “nunca soube como costurar observações em poesia/mas aprendi que uma bússola nunca me serviria/ para traçar uma estrada” dirá a poeta Louise Queiroz em poema sem título

(2019, p.50). Assim, sem bússolas ou regras são apresentadas sujeitas poéticas livres que escolhem seus caminhos para o amor, livres para criticar, livres para recontar histórias e reinventar-se, contestando estereótipos e/ou imagens idealizadas. (SOUZA, 2021, p.45)

Lembro que não tratamos aqui de uma ideia revanchista de substituir uma pelo outro. Longe disso. A questão é apenas reconhecer que há visões diferentes de Brasil na Literatura Brasileira, há diálogos entre essas visões, há estéticas diversas, pontos de vista e formas de apropriação diferentes da língua portuguesa. A reflexão sobre a literatura de autoria negra nos impulsiona a expandir nossa visão da literatura brasileira e da realidade brasileira. Ela é fundamental para a educação básica hoje no contexto de reconstrução dos conhecimentos construídos sobre o que é a arte literária brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. Edição do Kindle.

BORGES, Juliana. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____. A escrevivência e seus subtextos. *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*, v. 1, p. 26-46, 2020.

_____. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita. *Z Cultural - Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea* (UERJ), v. 15, n. 2, [sem paginação], 2020. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos-lugares-de-nascimento-de-minha-escrita/> Acesso em: 30 mai. 2023.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador : EDUFBA, 2008.

LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NOGUERA, Renato. *O ensino de Filosofia e a Lei 10.639*. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A patologia Social do Branco Brasileiro. In: _____. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995. [1ª Edição de 1954].

RATTS, Alex. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2006.

SILVA, Denise Ferreira da; OTOCH, Janaina Nagata. Em estado bruto. *ARS*, v. 17, n. 36, p. 45-56, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/158811>
Acesso em: 30 maio. 2023.

_____. Ler a arte como confronto. *Logos: Comunicação e Universidade Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ*, v. 55, n. 27, p. 290-296, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/logos.2020.57382>
Acesso em: 30 mai. 2023.